

Páscoa enlutada

Por: Maria Clara Bingemer

A Semana Santa no Rio de Janeiro foi de tal maneira marcada pela morte e pela dor que parece difícil, neste tempo pascal que começamos, viver e cantar a inefável alegria da Páscoa do Senhor que há pouco celebramos.

Na Avenida Niemeyer, ponto refinado da Zona Sul, bairro elegante da cidade, um grupo de 60 homens armados fechou a passagem e roubou vários carros na tentativa de retomar pontos de tráfico. Fernando e Telma moravam há três meses no Rio, vindos de Minas Gerais. Telma, de 37 anos, grávida do segundo filho, dirigia o carro, ao voltar de festivo almoço familiar. Ao ver os traficantes avançarem em direção ao carro, perdeu o controle e acelerou, sendo morta na hora com tiros na cabeça e no ventre.

O Bairro de São Conrado, com as colossais favelas do Vidigal e da Rocinha, transformou-se em autêntica praça de guerra, registrando morte sobre morte nos dias em que se celebrava o Tríduo Pascal - quinta, sexta e sábado santos -, que antecede imediatamente a grande vigília pascal, quando comemoramos a ressurreição de Jesus depois de sua morte. Até a véspera do domingo de Páscoa, quatro mortos e sete feridos eram o saldo da Semana Santa na maior favela do Rio de Janeiro, enquanto a polícia, mobilizada em peso, fazia buscas na mata, tentando prender os chefes do tráfico.

As manchetes noticiavam os tristes episódios. O Jornal do Brasil trazia estampado em letras garrafais: O IRAQUE É AQUI! E a Rocinha é lá, poderíamos acrescentar. O tríduo pascal continuava a ser cruelmente manchado de sangue do outro lado do mundo. O Iraque, um ano depois da queda de Saddam Hussein, conseguia unir sunitas e xiitas no ódio comum contra a potência estrangeira que os invadiu e ocupou, e incessantemente aumentava o número de mortos e feridos em seu país. Mobilizados pela exacerbação da convicção de que é preciso intensificar a "jihad" - a guerra santa, um dos cinco pilares do Islã - fizeram prisioneiros e mataram jovens soldados americanos. Fizeram igualmente reféns estrangeiros. E pela televisão fomos levados a ver, entremeadas com as imagens belas da Via Sacra em Roma, na presença de um papa comovedoramente velho e doente; da representação da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém, entre muitas outras, as apavorantes imagens dos três reféns japoneses com os olhos vendados, empurrados e agredidos por militares iraquianos, ameaçados com armas na têmpora e no pescoço. Enquanto isso, a dor de suas famílias no Japão era exposta pela televisão, buscando mobilizar a sociedade japonesa para implorar ao Primeiro Ministro que retirasse as tropas do Iraque.

Enquanto nos aproximávamos da vigília pascal, desejosos de cantar o Aleluia e ouvir a proclamação da vitória de Cristo sobre a morte, a mídia nos mostrava o Ressuscitado tão cruelmente crucificado na violência que parece haver tomado conta do mundo de forma bárbara e permanente. E, no entanto, cristãos insistiram em proclamar aquela noite a mais santa e a mais bela pois Cristo, a Luz do Mundo, ressurgiu da morte vencedor.

Enquanto o Aleluia era cantado, esse mesmo Deus que ressuscitou seu Filho do sepulcro podia ser encontrado como presença misericordiosa e compassiva na morte de Telma e na dor de seus familiares; no sofrimento inconsolável das vítimas da guerra do tráfico no Rio. No momento em que o círio pascal se acendia e as velas iluminavam o espaço antes escuro

das igrejas em todas as partes do mundo, Deus mergulhava, solidário, nas trevas do desespero e da angústia dos reféns japoneses e dos milhares de mortos no Iraque.

Pois nosso Deus, se por um lado disse sua palavra definitiva de vitória sobre a pobre e ferida história humana na ressurreição de Seu Filho, por outro nunca estará ausente enquanto houver uma lágrima sendo derramada, uma dor a ser consolada, uma perda clamando por sentido.

A Páscoa não é menos gloriosa ou luminosa em tempo de luto. Porém, nos torna mais conscientes de que a alegria pascal não é de forma alguma euforia irresponsável, mas compromisso inarredável de anunciar a esperança e a alegria ali onde a dor e a morte parecem ter a última palavra. E anunciá-las ao preço da própria vida, se preciso for, assim como o fez Jesus, a quem Deus constituiu Senhor e Cristo.

Nesta Páscoa, celebrada em tempo de luto e na alegria da ressurreição que se segue, conceda-nos o Senhor uma esperança inquebrantável e uma alegria insubornável e imorredoura. E que Jesus Cristo, Príncipe da Paz, nos dê a força e a graça de cantar sua vitória ali onde tudo parece ser só derrota e destruição. Porque, como dizia o poeta, ' ' E, no entanto é preciso cantar; mais que nunca é preciso cantar e alegrar a cidade' ' .